



## PERSPETIVAS DOS PAIS PORTUGUESES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL EM CASA E NA ESCOLA: IMPLICAÇÕES PARA A INTERVENÇÃO

*Cristiana Pereira de Carvalho*<sup>1</sup> , *Maria do Rosário Moura Pinheiro*<sup>2</sup> ,  
*José Augusto Pinto Gouveia*<sup>3</sup> , *Duarte Gonçalo Rei Vilar*<sup>4</sup> 

**Resumo:** A comunicação sexual entre pais<sup>5</sup> e filhos é um dos fatores que mais influência o comportamento sexual preventivo dos jovens. Este estudo teve como objetivo conhecer as perspetivas de pais e mães sobre a educação sexual na família e na escola. Para isso, 367 pais de ambos os sexos responderam ao "Questionário para pais sobre educação sexual". Os resultados evidenciam que os pais apoiam a educação sexual nas escolas e a inclusão de um programa abrangente entre o 2º e o 3º ciclo do ensino básico. Todos os temas são importantes para o currículo da educação sexual nas escolas. Apesar de considerarem proporcionar uma boa educação sexual em casa, muitos pais comunicam de forma superficial sobre diversos temas, revelando dificuldades na comunicação. Ter conhecimentos e sentir-se confortável parece ter implicações positivas na extensão da comunicação, na qualidade da educação sexual oferecida e no incentivo aos/as filhos/as para participarem em atividades de educação sexual na escola. São apresentadas sugestões e implicações para futuros estudos e intervenções com pais.

**Palavras-chave:** Pais. Educação Sexual. Escola. Família.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Educacionais pela Universidade de Coimbra, com pós-doutorado em andamento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Educacionais. Professora Assistente na Faculdade de Psicologia e Ciências Educacionais na Universidade de Coimbra.

<sup>3</sup> Professor Doutor de Psicologia Clínica na Universidade de Coimbra. Membro do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC). Presidente da Associação Portuguesa para o Mindfulness.

<sup>4</sup> Doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Lisboa. Professor Associado na Universidade Lusíada de Lisboa. Diretor do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Coordenador do Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social.

<sup>5</sup> Ao longo deste artigo será usado o termo "pais" no plural, no qual incluímos o pai e a mãe. Será utilizado o termo "pai", "mãe" ou "do sexo masculino" / "feminino" uando nos reportarmos especificamente a esse progenitor.





## PORTUGUESE PARENTS' PERSPECTIVES ON SEX EDUCATION AT HOME AND AT SCHOOL: IMPLICATIONS FOR INTERVENTION

**Abstract:** Sexual communication between parents and children is one of the factors that most influence preventive sexual behaviour in young people. This study aimed to explore fathers' and mothers' perspectives on sex education in the family and at school. To this end, 367 parents of both genders completed the "Questionnaire about sex education for parents". Results showed that parents support sex education in schools and the inclusion of a broad curriculum between 2<sup>nd</sup> (5th and 6th grade) and 3<sup>rd</sup> cycle of studies (7th-9th grade). All themes are important for the sex education curriculum in schools. Although most parents believe they provide good sex education at home, they communicate superficially about several topics, revealing difficulties in communication. Having knowledge and feeling comfortable seem to have a positive impact on the amount of communication, on the quality of the sex education communication, and on encouraging children to participate in sex education activities in school. Suggestions and implications for interventions with parents are presented.

**Keywords:** Parents. Sex Education. School. Family.

**Nota:** Artigo escrito em Português de Portugal.

### 1. INTRODUÇÃO

A família exerce um papel fundamental no desenvolvimento global da criança e do adolescente e na construção da sexualidade dos/as filhos/as (UNESCO, 2010; LÓPEZ; FUERTES, 1999; VAZ, 1996), através da transmissão de valores, atitudes e crenças (GTES, 2007; VILAR, 2005; 2011; SCHLATTER, 2012). No âmbito desta influência, vários estudos apontam a comunicação positiva entre pais<sup>6</sup> e filhos como um fator de proteção para alguns comportamentos de risco (CAMACHO, 2011; TOMÉ; CAMACHO; MATOS; Diniz, 2011), uma vez que as relações positivas com a família, a comunicação

<sup>6</sup> Ao longo deste artigo será usado o termo "pais" no plural, no qual incluímos o pai e a mãe. Será utilizado o termo "pai", "mãe" ou "do sexo masculino" / "feminino" quando nos reportarmos especificamente a esse progenitor.





sobre sexualidade com os pais, a supervisão parental, o suporte emocional e a existência de um estilo parental construtivo surgem associadas a menos comportamentos sexuais de risco<sup>7</sup> (HUEBNER; HOWEEL, 2003, CAMACHO, 2011; TOMÉ et al., 2011; DIAS; MATOS; GONÇALVES, 2007).

Por outro lado, as pesquisas têm sugerido também que os adolescentes que conversam sobre a sexualidade com os pais estão mais propensos a atrasar a atividade sexual, a usar preservativo quando se envolvem em comportamentos sexuais (SCHLATTER, 2012), a diminuir os riscos de uma gravidez não desejada (MESCHKE; BARTHOLOMAR; ZENTALL, 2002) e a ter práticas de namoro mais seguras (como comunicar melhor e evitar avanços sexuais forçados ou não desejados) (SCHLATTER, 2012; MORGAN; JOHNSON; SIGLER, 2006).

Apesar dos pais reconhecerem a importância do diálogo sobre a sexualidade com os filhos (BYERS; SEARS; WEAVER, 2008; WEAVER; BYERS; SEARS; COHEN; RANDALL, 2002; WILSON; DALBERTH; KOO; GARD, 2010) e dos adolescentes considerarem as figuras parentais como fontes importantes de informação (NAIR et al., 2011; WEINMAN; SMALL; BUZI; SMITH, 2008), pais e filhos avaliam a comunicação entre si como insuficiente (VILAR, 2011; VILAR; FERREIRA, 2009) e os temas são muitas vezes tratados de modo superficial e com poucos detalhes (WEAVER et al., 2002). Quando a comunicação acontece na família, os pais tendem a conversar com os filhos mais velhos, em especial com as raparigas<sup>8</sup>, numa fase mais avançada do seu desenvolvimento (BYERS et al., 2008) e a focar as consequências negativas da sexualidade (QUINTAL, 2012; MARTINO et al., 2008) ou os seus aspetos

---

<sup>7</sup> Os comportamentos sexuais de risco referem-se a práticas sexuais não protetoras em relação à gravidez e às infeções sexualmente transmissíveis (IST). Essas práticas sexuais incluem a utilização inconsistente do preservativo nas interações sexuais e a não realização de testes de despistagem de IST (ALVAREZ, 2005). A literatura também aponta o número elevado de parceiros sexuais ocasionais como um comportamento considerado de risco, pelo facto de aumentar a probabilidade dos indivíduos terem relações sexuais com um/a parceiro/a infetado/a.

<sup>8</sup> Significa moças ou meninas.



biológicos, conversando pouco sobre questões de caráter pessoal e relacional (NAIR et al., 2011; BYERS et al., 2008).

As dificuldades de comunicação por parte dos pais (BYERS; SEARS, 2012) e a tendência para abordar temas da sexualidade de forma mais superficial e com pouca profundidade estão associadas à percepção de falta de conhecimentos, competências e conforto sentido pelos progenitores para realizar uma educação sexual (ES) de qualidade (BYERS et al., 2008; MARTINO et al., 2008). Neste sentido, parece ser unânime entre pesquisadores que os pais que consideram ter os conhecimentos necessários e se sentem à vontade com o tema tendem a conversar mais com os filhos (BYERS et al., 2008), estabelecem diálogos com maior detalhe sobre vários temas (DILORIO et al., 2000), encorajam a colocação de questões/dúvidas (QUINTAL, 2012), proporcionam uma melhor educação sexual e atribuem mais importância à educação sexual na escola (BYERS et al., 2008).

De forma geral, as mães mostram-se mais disponíveis para conversar, tomam mais vezes a iniciativa de conversar com os/as filhos/as e focam os temas de forma mais específica (WILSON et al., 2010; BYERS et al., 2008) quando comparadas com os pais. Os adolescentes portugueses também referem ser mais fácil dialogar sobre a sexualidade com a mãe, sendo mais evidente entre as raparigas, por sentirem dificuldade em dialogar com o progenitor do sexo masculino (MATOS et al., 2010).

Estudos recentes evidenciam algum desconhecimento por parte dos pais em relação às necessidades de aprendizagem sobre a sexualidade das crianças em diferentes idades e fases de desenvolvimento (MCKAY et al., 2014; QUINTAL, 2012; WILSON et al., 2010) e pouca participação nas atividades de educação sexual na escola dos filhos (MATOS et al., 2014; MATOS et al., 2013; RAMIRO, 2013). Apesar disso, os pais, de maneira geral, apoiam a sua realização em meio escolar (QUINTAL, 2012; WEAVER et al., 2002), reconhecem a importância de um currículo de educação sexual sequencial, que inclua uma ampla gama de temas (QUINTAL, 2012;





WEAVER et al., 2002), desenvolvido de forma apropriada antes do início da adolescência (MCKAY et al., 2014) e gostariam de obter apoio da escola para superar as barreiras e dificuldades na comunicação sobre sexualidade com os filhos (CARVALHO; PINHEIRO, 2013; WILSON et al., 2010; QUINTAL, 2012; WEAVER et al., 2002).

Considerando que os pais têm um papel importante nos programas de educação para a saúde das escolas (GTES, 2007) e são considerados um dos principais parceiros da escola na elaboração do projeto educativo no que se refere à educação sexual (Lei n.º60/2009), as instituições de ensino, apoiadas por profissionais da educação, poderão oferecer "apoio às famílias para que de forma consciente maximizem o desenvolvimento integral das suas crianças" (SIMÕES, 2013, p. 2), reforçando a ligação da escola com a família.

A pesquisa que aqui apresentamos pretende contribuir para o conhecimento da perspectiva dos pais e mães sobre a educação sexual na família e na escola. Para isso, seguimos a linha de pensamento dos estudos de Byers et al., (2001), Weaver et al. (2001) e Cohen et al. (2001) sobre a importância de conhecer as opiniões de pais/mães, professores/as e alunos/as acerca da educação sexual para projetar um programa mais eficaz na promoção da educação sexual dos jovens. Por último, considerando o papel que as escolas podem desempenhar sobre a mudança de atitudes dos pais/mães em relação à sexualidade e o efeito positivo que as intervenções concebidas para aumentar a comunicação pais-filhos têm evidenciado sobre a comunicação sexual<sup>9</sup> na família (BYERS et al., 2008), neste artigo pretendemos, através das opiniões e necessidades dos pais/mães sobre a educação sexual em casa e na escola, apresentar sugestões às instituições educativas e recomendações para a formação parental.

---

<sup>9</sup> A comunicação sexual refere-se ao diálogo sobre a sexualidade, que implica o exercício de habilidades de conversação, como iniciar e manter uma conversa de forma assertiva (VIEIRA, 2005), escutar ativamente e fornecer feedback positivo (WOLF, 2006). Esta comunicação pode ocorrer entre parceiros íntimos, pais/mães e filhos/as (CARVALHO, 2017) e entre professores/as ou educadores e alunos/as (CARVALHO et al., 2014; 2016).



## 2. METODOLOGIA

### Participantes

Participaram do estudo 367 pais, sendo 24% ( $n=88$ ) do sexo masculino e 76% ( $n=279$ ) do sexo feminino, com uma média de 44 anos ( $M=43.85$ ;  $DP=5.58$ , 24-62 anos). Dos pais participantes, 14.1% ( $n=51$ ) têm o 1º ciclo<sup>10</sup>, 47.9% ( $n=173$ ) entre o 2º e o 3º ciclo, 24.4% ( $n=88$ ) o ensino secundário e 13.6% ( $n=49$ ) o ensino superior. A maioria vive em meio rural (vila e comunidade rural) (78.4%;  $n=279$ ) e têm em média 2 filhos ( $M=2.05$ ;  $DP=.774$ ).

### Instrumento

O "Questionário para Pais sobre Educação Sexual" (QPES) utilizado neste estudo consiste na versão portuguesa traduzida<sup>11</sup> e adaptada do "*Parent attitudes toward sexual health education*" (WEAVER et al., 2001, 2002). Este instrumento de auto-resposta foi construído por pesquisadores canadianos para avaliar as opiniões e atitudes dos pais em relação à educação sexual em casa e na escola dos filhos/as.

No processo de tradução do questionário canadiano (WEAVER et al., 2001) foram realizadas algumas adaptações em função da realidade portuguesa e da legislação atual (LEI N.º 60/2009; PORTARIA N.º196-A/2010) que passaram a estar integradas nas versões dos nossos instrumentos para pais, adolescentes e professores. O quadro 1 procura resumir as principais questões incluídas na versão portuguesa adaptada do instrumento.

<sup>10</sup> O 1ºCiclo do ensino básico corresponde ao 1º ano até ao 4º ano de escolaridade. O 2º ciclo compreender o 5º e 6º ano. O 3º ciclo corresponde ao 7ºano até o 9ºano de escolaridade e o ensino secundário compreende o 10º ano até ao 12º ano (correspondente ao ensino médio no Brasil).

<sup>11</sup> Apesar de termos tido conhecimento de que estaria a ser trabalhada uma versão portuguesa para pais da autoria de Maria João Alvarez e de a termos tentado utilizar neste trabalho, em 2012 essa versão não estava publicada, nem disponível para outras investigações. Dada a necessidade de utilizar as várias versões dos instrumentos canadianos (para pais, professores e adolescentes), foi acordado com os autores originais a uniformização das traduções e adaptações dos três instrumentos, que agora estão disponíveis para investigação.





A versão adaptada deste questionário é composta por um conjunto de questões organizadas em quatro partes<sup>12</sup>, num formato de perguntas fechadas. A primeira parte (A) pretende conhecer as opiniões dos pais sobre a ES nas escolas e temas específicos de saúde sexual; a importância atribuída a 10 temas de saúde sexual para o currículo da ES e em que níveis de ensino devem ser abordados 26 temas de ES; a segunda parte (B) procura saber como os pais avaliam a ES que forneceram aos seus filhos, os seus conhecimentos, conforto, encorajamento a perguntas, estratégias utilizadas na ES dos filhos, oferta de materiais educativos e a extensão com que falam com os filhos acerca de vários temas/conteúdos de ES; a terceira parte (C) pretende saber como a escola dos filhos poderia apoiar os pais nos seus esforços em fornecer ES em casa e que temas/conteúdos gostariam de ver incluídos num *workshop* ou formação destinada aos pais; a quarta e última parte (D) remete para informações sociodemográficas (Quadro 1).

---

<sup>12</sup> A versão original dos investigadores canadianos é constituída por sete partes. A nossa versão adaptada assume uma organização diferente, integrando algumas partes e reduzindo a sua divisão. Optamos também por excluir a análise da educação sexual recebida pelos pais quando crianças/jovens, uma vez que a versão deste instrumento foi elaborada numa perspetiva de intervenção (de modo a ter utilidade para a avaliação da educação sexual nas escolas) e para ser disponibilizada aos coordenadores/as da educação para a saúde e educação sexual das escolas portuguesas.





**Quadro 1.** Questionário para Pais sobre Educação Sexual (QPES) - descrição das 4 partes e questões incluídas na versão portuguesa adaptada

**Divido em 4 Partes Descrição**

**Partes**

**Parte A** - Opinião geral sobre a ES na escola (se a ES deve ser dada na escola; se a escola e os pais devem partilhar responsabilidades na abordagem da ES; em que ano de escolaridade deve começar a ES; perceções da qualidade da ES oferecida na escola); Importância da abordagem de 10 temas de ES na escola; Em que ano de escolaridade a escola deve começar a ensinar 26 temas de ES;

**Parte B** - Opinião sobre a qualidade da ES oferecida aos filhos; Educação Sexual fornecida em casa Incentivo dado aos filhos para fazerem perguntas sobre sexualidade; avaliação dos pais quanto ao seu conhecimento para proporcionar ES aos filhos; conforto para discutir temas importantes de ES; extensão da comunicação (não converso a converso com muitos pormenores) sobre 10 temas de ES com os filhos.

Questões incluídas na versão adaptada Estratégias utilizadas na ES dos filhos; Desejo que os filhos falassem mais com os pais sobre sexualidade; Qualidade das respostas às perguntas dos filhos sobre ES; Incentivo a participar nas atividades de ES na escola; Oferta de materiais educativos sobre ES aos filhos; Desejo de saber mais sobre sexualidade e ES; Conhecimento da participação dos filhos em atividades nas diversas áreas da educação para a saúde.

**Parte C** - O que a escola pode fazer para apoiar os pais nos seus esforços em fornecer ES em casa; interesse em frequentar formação sobre ES na escola dos filhos; temas/conteúdos que os pais gostariam de ver incluídos num *workshop* ou formação realizada pela escola para os pais.

**Parte D** - Dados Sexo, Idade, Residência em meio urbano ou rural, sociodemográficos Habilitações literárias, nº de filhos.

**Fonte:** Autores, 2019.

## Procedimentos

Para a realização deste estudo foi solicitada autorização à Comissão Nacional de Proteção de Dados, à Direção-Geral de Educação do Ministério da Educação Português (inquérito nº. 0389000001) e às doze Direções de Escolas das regiões Centro, Lisboa e Vale do Tejo que participaram da pesquisa. Após a autorização das doze escolas, pais e encarregados de educação





tiveram conhecimento do estudo, dos objetivos e do seu propósito. Solicitamos aos pais o seu consentimento informado para que participassem no estudo, assim como, autorizassem os/as seus/suas filhos/as a participar. A recolha de dados decorreu de Fevereiro de 2013 a Março de 2014. Por se tratar de um questionário de auto-resposta, os pais puderam preenche-lo em casa e, por meio dos/as filhos/as, este foi devolvido à investigadora num envelope fechado (distribuído previamente para garantir o anonimato).

### **Análise de Dados**

As análises e procedimentos estatísticos foram efetuados através do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, versão 20 para Windows). Utilizou-se uma estatística descritiva, com apresentação de frequências e percentagens, para descrever as diferentes variáveis nominais (REIS, 1998; REYNOLDS, 1984). Foram também utilizadas médias e desvios-padrão para descrever variáveis intervalares. No caso de variáveis ordinais (tipo Likert) é apresentada a mediana mas também a média por facilitar a interpretação dos resultados. No estudo das diferenças de género foram utilizados testes não paramétricos, nomeadamente o teste U de Mann-Whitney por se pretender testar diferenças entre dois níveis de uma variável nominal (sexo) numa variável ordinal (tipo Likert) (HOWELL, 2011). Quando a variável a comparar tem três ou mais níveis utilizou-se teste Kruskal-Wallis (RUBLIK, 2005; VAN HECKEA, 2012). Na apresentação dos resultados deste teste de diferenças optamos por indicar as médias em vez das medianas, uma vez que os valores das medianas tendem a ser iguais entre os grupos e não permitem identificar as diferenças entre eles. Para as análises de correlação, por se tratar de variáveis ordinais, utilizou-se o coeficiente de correlação de *Spearman* (CORDER, 2009).



### 3. RESULTADOS

#### Parte A - Opiniões e atitudes dos pais sobre a educação sexual e temas específicos de saúde sexual

Dos 367 pais que participaram no estudo, 83.1% ( $n=304$ ) considera que a educação sexual deve ser abordada na escola e 96% ( $n=357$ ) concorda que esta responsabilidade seja partilhada com a família. Mais de um terço dos pais considera que a educação sexual na escola deve começar a ser dada entre o pré-escolar e o 1º ciclo (41.3%,  $n=152$ ). Para 39.4% ( $n=145$ ) deve começar no 2º ciclo.

A maioria dos pais considera que os/as filhos/as têm recebido uma boa educação sexual na escola (52%,  $n=184$ ). Contudo, 18.3% ( $n=65$ ) consideram-na de fraca qualidade e 15.5% ( $n=55$ ) refere não ter conhecimento. Não foram encontradas diferenças entre pais e mães quanto à abordagem da educação sexual pela escola ( $U=10842.0$ ,  $p=.166$ ) e à partilha da responsabilidade com a família ( $U=12075.0$ ,  $p=.830$ ).

Relativamente à importância atribuída a 10 temas de educação sexual, os pais avaliaram todos os temas como importantes (Tabela 1). Para os pais os temas de extrema importância são as *Infeções Sexualmente Transmissíveis (IST)* e *Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (VIH/SIDA<sup>13</sup>)*, a *contraceção e práticas sexuais seguras*, a *segurança pessoal* e o *abuso e assédio sexual* ( $Me=5$ ). As *decisões sexuais nos relacionamentos amorosos*, a *reprodução e nascimento* e a *puberdade e desenvolvimento físico* são considerados muito importantes pelos progenitores ( $Me=4$ ). Foram considerados como temas menos importantes, mas ainda classificados como importantes, a *designação técnica dos órgãos genitais*, o *prazer e orgasmo* e a *abstinência* ( $Me=3$ ) (Tabela 1). Não foram encontradas diferenças de género na avaliação da importância dos 10 temas de saúde sexual pelos pais e mães.

<sup>13</sup> No Brasil diz-se HIV/AIDS.





**Tabela 1.** Grau de importância de 10 temas de saúde sexual para o currículo da ES nas escolas

<b>Grau de importância</b>	<b>de Temas</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Me</b>
Extremamente importante	IST (VIH/SIDA)	4.63	.67	5
	Contraceção e práticas sexuais seguras	4.39	.78	5
	Segurança pessoal	4.38	.78	5
	Abuso e assédio sexual	4.33	.81	5
Muito importante	Decisões sexuais nos relacionamentos amorosos	4.09	.98	4
	Reprodução e nascimento	3.97	.89	4
	Puberdade e desenvolvimento físico	3.82	.91	4
Importante	Designação técnica dos órgãos genitais	3.52	1.0	3
	Prazer e orgasmo	3.33	1.1	3
	Abstinência	3.14	1.1	3

**Nota:** 1-Nada importante; 2-Um pouco importante; 3-Importante; 4-Muito importante e 5-Extremamente importante.

**Fonte:** Autores, 2019.

### **Nível de ensino em que devem ser introduzidos temas específicos de educação sexual**

Quando questionados sobre o nível de ensino em que pensam que as escolas devem começar a ensinar cada um dos 26 temas de educação sexual, foi possível verificar que os pais consideram a inclusão de todos os temas no currículo (Tabela 2). Apenas dois temas devem, na opinião dos pais, ser abordados no 1º ciclo: *designação técnica dos órgãos genitais e imagem corporal* ( $Me=1^\circ$ ciclo) (Tabela 2). Dos 26 temas, 12 (46.2%) devem ser abordados no 2º ciclo: *puberdade e desenvolvimento físico, menstruação, reprodução e nascimento, contraceção e práticas sexuais seguras, abstinência, IST/SIDA, segurança pessoal, abuso e assédio sexual, igualdade de gênero nos relacionamentos amorosos, homossexualidade, comunicar sobre sexo* (Tabela 2).

Os restantes 12 temas devem ser dados no 3º ciclo: *sonhos molhados, atração, amor e intimidade, estar confortável com o outro sexo, lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo,*





*masturbação, comportamento sexual, sexo como parte de um relacionamento amoroso, prazer sexual, problemas sexuais e preocupações, sexualidade nos media, pornografia e prostituição de adolescentes* (Tabela 2). Embora, em geral os pais sejam favoráveis à inclusão de todos os temas no currículo, entre 3.9% ( $n=14$ ) e 11.3% ( $n=41$ ) dos progenitores pensam que temas como *lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo* (3.9%,  $n=14$ ), *abstinência* (4.7%,  $n=16$ ), *prostituição de adolescentes* (4.7%,  $n=17$ ), *prazer sexual* (4.8%,  $n=17$ ) e *pornografia* (11.3%,  $n=41$ ) devem ser excluídos dos programas de educação sexual. As mães, quando comparadas com os pais, consideram que os temas *abstinência* ( $U=9058.5$ ,  $p=.028$ ) e *sexo como parte de um relacionamento* ( $U=9769.5$ ,  $p=.046$ ) devem ser introduzidos nas escolas mais tarde (3º ciclo).



**Tabela 2.** Nível de ensino em que devem ser introduzidos temas específicos de saúde sexual nos programas de ES

Os seguintes temas devem ser abordados na escola:	Me	Pai % (n)		Mãe % (n)	
		Até ao 2º ciclo	3º ciclo e Secund.	Até ao 2º ciclo	3º ciclo e Secund.
Designação técnica dos órgãos genitais	1ºciclo	90.7% (78)	9.3% (8)	87.3% (241)	12.3% (34)
Imagem corporal	1ºciclo	93% (80)	7% (6)	90.7% (244)	9.3% (25)
Puberdade e desenvolvimento físico	2ºciclo	81.2% (69)	18.8% (16)	81.3% (221)	18.4% (50)
Sonhos molhados	3ºciclo	50.6% (43)	48.2% (41)	46.3% (125)	50.7% (137)
Menstruação	2ºciclo	77.6% (66)	22.4% (19)	80.7% (218)	17.8% (48)
Reprodução e nascimento	2ºciclo	71.8% (61)	27.1% (23)	67.5% (181)	31.7% (85)
Contraceção e práticas sexuais seguras	2ºciclo	57.6% (49)	41.2% (35)	49.4% (130)	49.4% (130)
Abstinência (não ter relações sexuais)	2ºciclo	59.5% (50)	39.3% (33)	46.9% (119)	47.6% (121)
IST/SIDA	2ºciclo	68.6% (59)	31.4% (27)	57.1% (153)	42.9% (115)
Gravidez na adolescência	2ºciclo	61.4% (51)	38.6% (32)	58.6% (156)	41.4% (110)
Segurança pessoal	2ºciclo	79.1% (68)	20.5% (18)	71.6% (189)	27.7% (73)
Abuso e assédio sexual	2ºciclo	77.9% (67)	20.9% (18)	70% (184)	30% (79)
Igualdade de gênero nos relacionamentos amorosos	2ºciclo	61.6% (53)	38.4% (33)	56.6% (150)	43% (114)
Homossexualidade	2ºciclo	51.2% (44)	45.3% (39)	54.4% (141)	45.2% (117)
Atração, amor e intimidade	3ºciclo	47.7% (41)	52.3% (45)	47.9% (126)	51.3% (135)
Comunicar sobre sexo	2ºciclo	64% (55)	36% (31)	54.9% (145)	43.2% (114)
Estar confortável com o outro sexo	3ºciclo	52.9% (45)	45.9% (39)	47.2% (125)	50.9% (135)
Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo	3ºciclo	37.2% (32)	61.6% (53)	31.8% (84)	63.3% (167)
Masturbação	3ºciclo	41.4% (36)	54% (47)	39.6% (105)	57.4% (152)
Comportamento sexual	3ºciclo	54.7% (47)	43% (37)	41.5% (110)	58.1% (154)
Sexo como parte de um relacionamento amoroso	3ºciclo	41.9% (36)	57% (49)	31.6% (83)	66.5% (175)
Prazer sexual	3ºciclo	34.9% (30)	59.3% (51)	28.9% (76)	66.9% (176)
Problemas sexuais e preocupações	3ºciclo	43.7% (38)	56.3% (49)	34.1% (90)	63.3% (167)
Sexualidade nos <i>media</i>	3ºciclo	43.7% (38)	54% (47)	39.5% (103)	57.5% (150)
Pornografia	3ºciclo	44.8% (39)	41.4% (36)	41.3% (112)	48.3% (131)
Prostituição de adolescentes	3ºciclo	44.8% (39)	47.1% (41)	41.8% (112)	54.5% (146)

**Fonte:** Autores, 2019.





## Parte B - Educação sexual proporcionada pela família

Os pais e as mães consideram ter conhecimentos adequados para proporcionar educação sexual aos filhos/as ( $M=2.63$ ,  $DP=.49$ ;  $M=2.60$ ,  $DP=.58$  respectivamente), avaliam positivamente a educação sexual oferecida em casa ( $M=3.01$ ,  $DP=.70$ ;  $M=3.07$ ,  $DP=.65$ ), assim como consideram que dão boas respostas às perguntas dos/as filhos/as ( $M=3.09$ ,  $DP=.55$ ;  $M=3.14$ ,  $DP=.56$ ) e incentivam-nos a participar em atividades de educação sexual na escola ( $M=3.18$ ,  $DP=.74$ ;  $M=3.29$ ,  $DP=.62$ ) (Tabela 3). Ambos gostariam que os/as filhos/as falassem mais com eles sobre sexualidade e educação sexual ( $M=2.65$ ,  $DP=.51$ ;  $M=2.68$ ,  $DP=.57$ ) (Tabela 3).

Quanto ao gênero, verifica-se que as mães consideram encorajar mais vezes os/as filhos/as a fazer perguntas sobre sexualidade ( $U=9474.5$ ,  $p=.001$ ) e sentem-se mais confortáveis na abordagem de temas de educação sexual com eles ( $U=10359.0$ ,  $p=.018$ ), sendo estas diferenças estatisticamente significativas quando comparadas com os pais (Tabela 3).

A análise descritiva permitiu ainda identificar que 18.8% ( $n=66$ ) dos pais avalia como fraca a educação sexual oferecida em casa, 36.2% ( $n=134$ ) não tem conhecimentos ou não tem certeza se os seus conhecimentos são adequados para abordar educação sexual com os/as filhos/as, 43% ( $n=160$ ) não está à vontade com alguns temas de educação sexual, 10% ( $n=34$ ) considera que as suas respostas são fracas e 10.8% ( $n=40$ ) nunca incentivou os/as filhos/as a fazer perguntas sobre sexualidade (Tabela 3).

Os pais que consideram ter conhecimentos adequados para proporcionar educação sexual aos filhos/filhas conversam em termos gerais ou com alguns pormenores sobre os 10 temas apresentados na tabela 4. Por outro lado, os pais que não conversam com os/as filhos/as sobre qualquer tema em profundidade referem sentir poucos conhecimentos sobre sexualidade (Tabela 4). Alguns pais, mesmo considerando ter conhecimentos adequados não conversam com os/as filhos/as sobre *prazer e orgasmo* (21.6%), *abstinência* (15.5%)





e *decisões sexuais nos relacionamentos amorosos* (12.9%) (Tabela 4). Pais que não têm certeza se os seus conhecimentos são adequados para proporcionar uma boa educação sexual aos filhos/as falam em termos gerais, com alguns ou muitos pormenores sobre todos os temas (Tabela 4). Destes pais, verifica-se que a percentagem que conversa com alguns e muitos pormenores aumenta nos temas *IST's (VIH/SIDA)* (11.7% e 12.1% respetivamente), *abuso e assédio sexual* (12.1% para ambos) e *segurança pessoal* (13.5% e 11.9%) (Tabela 4). Os temas que os pais conversam com maior profundidade são *IST's (VIH/SIDA)* (30.6%), *abuso e assédio sexual* (23.1%), *contraceção e práticas sexuais seguras* (21.3%) e *segurança pessoal* (17.6%) (Tabela 4). Importa ainda referir que existe uma série de temas que não são abordados por alguns pais, nomeadamente *prazer e orgasmo* (40%), *abstinência* (31.1%), *decisões sexuais nos relacionamentos amorosos* (26.2%), *designação técnica dos órgãos genitais* (17.5%), *puberdade e desenvolvimento físico* (13.3%), *segurança pessoal* (12.6%) e *abuso e assédio sexual* (11.5%) (Tabela 4).



**Tabela 3.** Análise de diferenças relativas à qualidade da educação sexual (ES) dada em casa, aos conhecimentos, conforto, incentivo à colocação de perguntas, qualidade das respostas e incentivo a participar na ES escolar em função do progenitor (pai / mãe)

Caracterização do progenitor	Pai			Mãe			U	p
	n	M	DP	n	M	DP		
Qualidade da ES dada pela família <sup>a</sup>	81	3.01	.70	265	3.07	.65	-.706	.480
Conhecimentos adequados para proporcionar ES <sup>b</sup>	88	2.63	.49	276	2.60	.58	.397	.691
Encorajar os filhos a fazer perguntas <sup>c</sup>	88	2.65	1.04	276	3.07	.83	-3.431	<b>.001</b>
Existem temas de ES em que não me sinto à vontade (desconforto) para abordar com os/as filhos/as <sup>d</sup>	88	1.81	.88	278	2.08	.94	-2.452	<b>.015</b>
Qualidade das respostas às perguntas dos/as filhos/as <sup>a</sup>	82	3.09	.55	252	3.14	.56	-.811	.418
Incentivo a participar nas atividades de ES na escola <sup>a</sup>	66	3.18	.74	220	3.29	.62	-1.042	.300
Gostava que o/a meu filho/a falasse mais comigo sobre sexualidade <sup>b</sup>	82	2.65	.51	257	2.68	.57	-.434	.665

<sup>a</sup> = 1-Má, 2-Fraca, 3-Boa, 4-Muito boa; <sup>b</sup> = 1-Discordo, 2-Não tenho certeza, 3-Concordo; <sup>c</sup> = 1-Nunca, 2-Poucas vezes, 3-Algumas vezes, 4-Muitas vezes; <sup>d</sup> = 1-Concordo, 2-Não tenho certeza, 3-Discordo

**Tabela 4.** Distribuição das respostas em relação à extensão da comunicação sobre 10 temas de ES com os filhos em função dos pais considerarem ter conhecimento adequado para lhes proporcionar ES

Até que ponto conversa com os/as filhos/as sobre	Conhecimento adequado para proporcionar ES								
	Discordo		Não tenho certeza		Concordo		Total		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Designação técnica dos órgãos genitais	Não converso	6	1.8%	23	7.1%	28	8.6%	57	<b>17.5%</b>
	Converso em termos gerais	3	.9%	54	16.6%	87	26.8%	144	<b>44.3%</b>
	Converso com alguns pormenores	0	0%	26	8%	74	22.8%	100	<b>30.8%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	3	.9%	21	6.5%	24	<b>7.4%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>106</b>	<b>32.6%</b>	<b>210</b>	<b>64.6%</b>	<b>325</b>	<b>100%</b>
Puberdade e desenvolvimento físico	Não converso	2	.6%	21	6.5%	20	6.2%	43	<b>13.3%</b>
	Converso em termos gerais	5	1.5%	50	15.4%	73	22.5%	128	<b>39.5%</b>
	Converso com alguns pormenores	1	.3%	32	9.9%	85	26.2%	118	<b>36.4%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	4	1.2%	31	9.6%	35	<b>10.8%</b>





	<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>2.5%</b>	<b>107</b>	<b>33%</b>	<b>209</b>	<b>64.5%</b>	<b>324</b>	<b>100%</b>
Reprodução e nascimento	Não converso	2	.6%	15	4.6%	18	5.5%	35	<b>10.8%</b>
	Converso em termos gerais	4	1.2%	50	15.4%	68	20.9%	122	<b>37.5%</b>
	Converso com alguns pormenores	3	.9%	33	10.2%	85	26.2%	121	<b>37.2%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	8	2.5%	39	12%	47	<b>14.5%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>106</b>	<b>32.6%</b>	<b>210</b>	<b>64.6%</b>	<b>325</b>	<b>100%</b>
Contraceção e práticas sexuais seguras	Não converso	3	.9%	13	4%	19	5.9%	35	<b>10.8%</b>
	Converso em termos gerais	2	.6%	53	16.4%	70	21.6%	125	<b>38.6%</b>
	Converso com alguns pormenores	4	1.2%	30	9.3%	61	18.8%	95	<b>29.3%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	9	2.8%	60	18.5%	69	<b>21.3%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>105</b>	<b>32.4%</b>	<b>210</b>	<b>64.8%</b>	<b>324</b>	<b>100%</b>
Abstinência	Não converso	4	1.2%	46	14.3%	50	15.5%	100	<b>31.1%</b>
	Converso em termos gerais	3	.9%	39	12.1%	74	23%	116	<b>36%</b>
	Converso com alguns pormenores	2	.6%	18	5.6%	56	17.4%	76	<b>23.6%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	1	.3%	29	9%	30	<b>9.3%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>104</b>	<b>32.3%</b>	<b>209</b>	<b>64.9%</b>	<b>322</b>	<b>100%</b>
IST (VIH/SIDA)	Não converso	4	1.2%	12	3.7%	12	3.7%	28	<b>8.6%</b>
	Converso em termos gerais	2	.6%	38	11.7%	50	15.4%	90	<b>27.8%</b>
	Converso com alguns pormenores	3	.9%	37	11.4%	67	20.7%	107	<b>33%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	19	5.9%	80	24.7%	99	<b>30.6%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>106</b>	<b>32.7%</b>	<b>209</b>	<b>64.5%</b>	<b>324</b>	<b>100%</b>
Abuso e assédio sexual	Não converso	4	1.2%	17	5.3%	16	5%	37	<b>11.5%</b>
	Converso em termos gerais	1	.3%	39	12.1%	55	17.1%	95	<b>29.6%</b>
	Converso com alguns pormenores	4	1.2%	39	12.1%	72	22.4%	115	<b>35.8%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	10	3.1%	64	19.9%	74	<b>23.1%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>105</b>	<b>32.7%</b>	<b>207</b>	<b>64.5%</b>	<b>321</b>	<b>100%</b>
Segurança pessoal	Não converso	3	.9%	19	6%	18	5.7%	40	<b>12.6%</b>
	Converso em termos gerais	3	.9%	43	13.5%	66	20.8%	112	<b>35.2%</b>
	Converso com alguns pormenores	1	.3%	38	11.9%	71	22.3%	110	<b>34.6%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	5	1.6%	51	16%	56	<b>17.6%</b>
	<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>2.2%</b>	<b>105</b>	<b>33.0%</b>	<b>206</b>	<b>64.8%</b>	<b>318</b>	<b>100%</b>
Prazer o orgasmo	Não converso	6	1.9%	53	16.6%	69	21.6%	128	<b>40%</b>





	Converso em termos gerais	0	0%	40	12.5%	80	25%	120	<b>37.5%</b>
	Converso com alguns pormenores	3	.9%	10	3.1%	46	14.4%	59	<b>18.4%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	1	.3%	12	3.8%	13	<b>4.1%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>104</b>	<b>32.5%</b>	<b>207</b>	<b>64.7%</b>	<b>320</b>	<b>100%</b>
Decisões sexuais relacionamentos amorosos	Não converso	6	1.8%	37	11.4%	42	12.9%	85	<b>26.2%</b>
	Converso em termos gerais	0	0%	39	12%	67	20.6%	106	<b>32.6%</b>
	Converso com alguns pormenores	3	.9%	25	7.7%	67	20.6%	95	<b>29.2%</b>
	Converso com muitos pormenores	0	0%	5	1.5%	34	10.5%	39	<b>12%</b>
	<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>2.8%</b>	<b>106</b>	<b>32.6%</b>	<b>210</b>	<b>64.6%</b>	<b>325</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autores, 2019.





Verificamos que 34.8% ( $n=119$ ) dos pais ofereceu materiais educativos sobre educação sexual aos filhos/as e que o conhecimento que os pais consideram ter foi relevante para explicar estes resultados ( $U=11534.5$ ,  $p=.018$ ) (Tabela 5). Os pais que utilizam as *conversas* como estratégias educativas ( $U=6105.5$ ,  $p=.002$ ) e os *programas de televisão* ( $U=9951.0$ ,  $p=.033$ ) na educação sexual dos seus filhos/as são os que reconhecem possuir maior conhecimento sobre o assunto. Por outro lado, pais com menos conhecimentos em educação sexual são os que não oferecem materiais educativos aos filhos/as ( $U=3137.5$ ,  $p=.002$ ) (Tabela 5). As conversas são a estratégia predominante na educação sexual dos/as filhos/as (84.3%,  $n=289$ ). As leituras (28.9%,  $n=99$ ) e os programas de televisão (26.2%,  $n=90$ ) são também frequentemente utilizadas. A estratégia menos utilizada pela família são os jogos educativos (2.3%,  $n=8$ ) (Tabela 5).

Ainda relativamente ao uso de estratégias educativas na educação sexual dos/as filhos/as verificamos que 8.4% ( $n=29$ ) dos pais não assinalaram nenhuma estratégia, a maioria (52.8%,  $n=182$ ) assinalou somente uma estratégia, 21.7% ( $n=75$ ) duas e 15.7% ( $n=54$ ) três estratégias. Dos pais que têm escolaridade até ao 1º ciclo somente 31.1% ( $n=14$ ) afirmou ter oferecido materiais educativos aos filhos/as. A proporção desce com os pais que têm o 2º ou 3º ciclos (22.2%,  $n=36$ ), contudo, com os pais que têm o ensino secundário a proporção sobe para 45.2% ( $n=38$ ), sendo a mais elevada entre os pais que têm formação superior (pelo menos bacharelato) (64.3% ( $n=27$ )) e a diferença é estatisticamente significativa [ $\chi^2(3)=31.79$ ,  $p<.001$ ].

As atitudes positivas dos pais em relação à educação sexual na escola não se correlacionam com o incentivo dos progenitores à participação dos filhos nas atividades de educação sexual na escola ( $\rho=.039$ ,  $p=.513$ ), nem com as suas habilitações ( $\rho=-.086$ ,  $p=.105$ ), nem com nenhuma outra variável que diga respeito à educação sexual em contexto familiar. Os resultados evidenciam que a qualidade da educação sexual oferecida pelos pais em casa



correlaciona-se positivamente com a percepção que de os seus conhecimentos são adequados ( $\rho=.415, p\leq.01$ ), com o conforto na sua abordagem ( $\rho=.318, p\leq.01$ ), com o encorajar os/as filhos/as a fazer perguntas ( $\rho=.452, p\leq.01$ ), com a percepção da qualidade das suas respostas ( $\rho=.445, p\leq.01$ ) e a extensão com que conversam sobre vários temas de saúde sexual com os/as filhos/as ( $\rho=.441, p\leq.01$ ). Os pais que consideram dar uma boa educação sexual em casa tendem a encorajar os filhos a participar nas atividades de educação sexual na escola ( $\rho=.381, p\leq.01$ ) (Tabela 6).

Os resultados demonstram que os pais que incentivam os filhos a fazer perguntas tendem também a incentivar a participar na educação sexual na escola ( $\rho=.301, p\leq.01$ ), consideram ter conhecimentos adequados ( $\rho=.210, p\leq.01$ ), conforto ( $\rho=.398, p\leq.01$ ), avaliam positivamente a forma como respondem às dúvidas dos filhos ( $\rho=.363, p\leq.01$ ), conversam com mais detalhe sobre diversos temas de educação sexual ( $\rho=.483, p\leq.01$ ) e usam um maior número de estratégias na educação sexual dos filhos ( $\rho=.338, p\leq.01$ ). Por outro lado, os pais que consideram ter bons conhecimentos em educação sexual consideram também que as suas respostas às dúvidas dos filhos são de qualidade ( $\rho=.351, p\leq.01$ ) e que conversam com mais pormenor sobre variados temas de educação sexual ( $\rho=.302, p\leq.01$ ). Os conhecimentos que os pais consideram ter sobre a sexualidade correlaciona-se de forma significativa, embora pouco expressiva, com o incentivo aos filhos para que participem nas atividades de educação sexual na escola ( $\rho=.223, p\leq.01$ ).

A qualidade das respostas dos pais às perguntas dos filhos/as correlaciona-se moderadamente com o incentivo às atividades de educação sexual na escola ( $\rho=.473, p\leq.01$ ) e, embora de forma pouco expressiva mas significativa, com o conforto ( $\rho=.274, p\leq.01$ ), extensão das conversas com os filhos ( $\rho=.297, p\leq.01$ ), com as estratégias ( $\rho=.217, p\leq.01$ ) e com a escolaridade dos pais ( $\rho=.225, p\leq.01$ ). A escolaridade dos pais também se correlaciona com o maior uso de estratégias ( $\rho=.232, p\leq.01$ ).





---

Os pais que se auto-avaliam como mais confortáveis na abordagem dos temas de educação sexual parecem ser também aqueles que conversam com mais detalhe e pormenor sobre os temas da sexualidade ( $\rho=.276, p\leq.01$ ) e os que usam um maior número de estratégias na educação sexual dos/as filhos/as ( $\rho=.313, p\leq.01$ ) (Tabela 6).



**Tabela 5.** Distribuição das respostas e análise de diferenças em relação à oferta de materiais educativos e uso de estratégias na ES dos filhos em função dos pais considerarem ter conhecimento adequado para proporcionar ES

		Conhecimento adequado para proporcionar ES								Mean rank	U	p
		Discordo		Não tenho certeza		Concordo		Total				
		n	%	n	%	n	%	n	%			
<b>Ofereceu materiais educativos</b>	Não	9	2.6%	81	23.7%	133	38.9%	223	65.2%	163.72	11534.5	<b>.018</b>
	Sim	2	.6%	31	9.1%	86	25.1%	119	34.8%	186.07		
<b>Estratégias</b>	Não	7	2%	91	26.5%	155	45.2%	253	73.8%	166.33	9951.0	<b>.033</b>
	Sim	3	.9%	20	5.8%	67	19.5%	90	26.2%	187.93		
Programas de TV	Não	10	2.9%	108	31.5%	215	62.7%	333	97.1%	-		
	Sim	0	0%	3	.9%	7	2%	10	2.9%			
Vídeos	Não	8	2.3%	81	23.6%	155	45.2%	244	71.1%	169.78	11537.5	.436
	Sim	2	.6%	30	8.7%	67	19.5%	99	28.9%	177.46		
Leituras	Não	10	2.9%	107	31.2%	218	63.6%	335	97.7%	-		
	Sim	0	0%	4	1.2%	4	1.2%	8	2.3%			
Jogos	Não	5	1.5%	23	6.7%	26	7.6%	54	15.7%	140.56	6105.5	<b>.002</b>
	Sim	5	1.5%	88	25.7%	196	57.1%	289	84.3%	177.87		
Conversas	Não	10	2.9%	111	32.4%	216	63%	337	98.3%	-		
	Sim	0	0%	0	0%	6	1.7%	6	1.7%			
Visitas e exposições	Não	8	2.3%	108	31.5%	217	63.3%	333	97.1%	-		
	Sim	2	.6%	3	.9%	5	1.5%	10	2.9%			
Outras	Não	5	1.5%	100	29.2%	210	61.2%	315	91.8%	176.04	3137.5	<b>.002</b>
	Sim	5	1.5%	11	3.2%	12	3.5%	28	8.2%	126.55		

**Nota:** Os jogos, as visitas e exposições e outras estratégias não foram cruzadas com a variável conhecimento pela reduzida frequência de respostas.

**Fonte:** Autores, 2019.





**Tabela 6.** Correlações entre os conhecimentos e o conforto dos pais para conversar sobre ES e variáveis referentes à ES realizada em casa (como extensão da comunicação, incentivo às perguntas, atitudes para com a ES na escola, incentivo a participar em atividades de ES na escola e o número de estratégias educativas utilizadas em casa pelos pais) e pessoais (como a escolaridade dos pais)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1 - Atitudes face à ES na escola	1										
2 - Qualidade da ES dada em casa	.010	1									
3 - Incentivo a fazerem perguntas	.014	<b>.452**</b>	1								
4 - Conhecimento adequado	.025	<b>.415**</b>	<b>.210**</b>	1							
5 - Qualidade das respostas	-.002	<b>.445**</b>	<b>.363**</b>	<b>.351**</b>	1						
6 - Extensão com que conversa	.050	<b>.441**</b>	<b>.483**</b>	<b>.302**</b>	<b>.297**</b>	1					
7 - Importância dos temas de ES	.172**	.127*	.124*	.057	.073	<b>.205**</b>	1				
8 - Conforto	-.105*	<b>.318**</b>	<b>.398**</b>	.174*	<b>.274**</b>	<b>.276**</b>	.038*	1			
9 - Incentivo a participar na ES na escola	.039	<b>.381**</b>	<b>.301**</b>	<b>.223**</b>	<b>.473**</b>	<b>.226**</b>	.140*	.200**	1		
10 - Escolaridade	-.086	-.005	.201**	.118*	<b>.225**</b>	.085	.075	.078	.075	1	
11 - Nº de estratégias	.015	.180**	<b>.338**</b>	.141**	<b>.217**</b>	<b>.313**</b>	.207*	.098	<b>.088</b>	.232**	1

\*\*  $p \leq .01$ ; \*  $p \leq .05$

Fonte: Autores, 2019.





## Parte C - Necessidades de formação

A maioria dos pais que respondeu ao que a escola pode fazer para os apoiar na educação sexual dos/as filhos/as ( $n=71$ ) refere que gostaria que fossem realizadas oficinas de formação, palestras e reuniões com pais que promovam debates com especialistas (57.7%,  $n=41$ ). Uma percentagem significativa também solicita que a escola disponibilize material informativo como livros, revistas, vídeos, filmes, panfletos e material educativo (16.9%,  $n=12$ ) para que possam utilizar com os filhos/as e a realização de ações de formação conjuntas, que envolvam pais e filhos (9.9%,  $n=7$ ). Alguns pais também referem que os/as professores/as poderiam solicitar aos alunos trabalhos de casa a ser realizados em família, para que pais e filhos possam juntos debater os temas (8.5%,  $n=6$ ) e desejam ser informados previamente sobre a programação para que possam abordar os temas em casa (7%,  $n=5$ ).

Quando questionados sobre o seu interesse em participar numa formação em educação sexual para pais, apenas 35.7% ( $n=129$ ) respondem afirmativamente. Dos 361 pais que responderam a esta questão, 34.1% ( $n=123$ ) não tem certeza e 30.2% ( $n=109$ ) não tem interesse. Dos pais que referiram estar interessados em obter formação, assinalaram mais vezes os seguintes temas: *IST (VIH/SIDA), abuso e assédio sexual/segurança pessoal, contraceção e práticas sexuais seguras, gravidez na adolescência, problemas sexuais e preocupações, atração, amor e intimidade e comunicação sobre sexualidade*.

## 4. DISCUSSÃO

Os resultados obtidos neste estudo e de forma congruente com a literatura (MCKAY et al., 2014; QUINTAL, 2012; WEAVER et al., 2001), relevam que os pais apoiam a educação sexual nas escolas, são favoráveis à realização de atividades educativas em meio escolar e à partilha desta responsabilidade entre a escola e a família.





Além disso, pais e mães não diferem quanto às atitudes favoráveis à educação sexual na escola.

Mais de 40% dos pais considera que a educação sexual nas escolas deve começar entre o pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico. No entanto, verifica-se alguma dificuldade em mencionar os temas/conteúdos que devem ser abordados neste nível de ensino, uma vez que os pais referem apenas a *designação técnica dos órgãos genitais* e a *imagem corporal* como conteúdos a ser tratados com as crianças. Os pais referem que a maior parte dos temas apresentados numa lista de 26 devem ser abordados entre o 2º ciclo (46.2%, 12 temas) e o 3º ciclo (46.2%, 12 temas), revelando que consideram que a maior parte das temáticas devem ser abordadas com crianças a partir do 5º ano, ou seja, entre os 9 e 10 anos de idade. Este aspeto pode indicar algum desconhecimento sobre as temáticas adequadas às fases de desenvolvimento dos/as filhos/as e um possível receio de uma exposição precoce a determinados conteúdos da educação sexual. Alguns estudos têm evidenciado estas preocupações (WEAVER et al., 2002) e identificado dificuldades em dialogar sobre questões sexuais (CARVALHO; PINHEIRO, 2013) com os filhos/as antes da adolescência (BYERS et al., 2008). Considerando as recomendações de organizações e especialistas (WHO, 2010; LEI N.º60/2009) sobre a necessidade de dar informação adequada à idade das crianças (a começar no pré-escolar), é fundamental ajudar os pais a compreender a importância de falar com os filhos/as sobre a sexualidade durante toda a infância, de modo a estabelecer discussões de forma natural e a superar o seu desconforto e o das crianças.

Importa também referir que de maneira geral os pais incluem todos os temas no currículo da educação sexual. No 2º ciclo os pais consideram que os filhos/as devem aprender temas relacionados com o seu desenvolvimento (como por exemplo *puberdade e desenvolvimento físico, menstruação e segurança pessoal*), aumentando a complexidade dos conteúdos a partir do 7º ano (como por exemplo *sonhos molhados e comportamento sexual*). Embora seja desejável que uma boa parte dos temas sejam discutidos com





crianças e jovens antes de ser necessário fazer uso dessa informação (WILSON et al., 2010), os resultados sugerem que os pais reconhecem a importância dos filhos/as terem acesso a um programa de educação sexual abrangente, atualizado e que inclua uma ampla diversidade de temas.

A maior parte dos pais deste estudo considera que a escola dos seus filhos/as tem realizado um bom trabalho em relação à educação sexual, embora uma percentagem menor refira que esta é de fraca qualidade ou desconheça o assunto. Os pais foram unânimes em considerar 10 temas de saúde sexual como importantes para os programas e currículos de educação sexual nas escolas, considerando de extrema importância as *IST (VIH/SIDA)*, a *contraceção e práticas sexuais seguras*, *segurança pessoal*, *abuso e assédio sexual*. Estes são também os temas que os pais afirmam conversar com mais detalhe e pormenor com os filhos/as. Temas referentes à *nomeação correta dos órgãos genitais*, *prazer e orgasmo* e *abstinência* foram considerados menos relevantes para a escola, mas ainda assim, foram classificados como importantes. Os pais consideram também que a abordagem das *decisões sexuais nos relacionamentos*, da *reprodução e nascimento* e da *puberdade e desenvolvimento físico* são muito importantes nas escolas.

Em relação à educação sexual realizada em casa, a maioria considera oferecer uma boa educação sexual aos filhos/as, ter conhecimentos adequados para proporcionar uma educação sexual de qualidade, dar boas respostas às perguntas dos filhos/as sobre sexualidade e incentivá-los a participar em atividades de educação sexual na escola. A maioria também gostaria que os filhos/as conversassem mais com eles sobre a sexualidade. Consistente com estudos anteriores sobre a comunicação sexual entre pais e adolescentes (MCKAY et al., 2014; WILSON et al., 2010), as mães encorajam mais vezes os/as filhos/as a fazer perguntas sobre a sexualidade e dizem sentir-se mais confortáveis para dialogar sobre diversos temas, revelando maior disponibilidade para a comunicação. Contudo, dos 367 pais e mães que participaram no nosso estudo,





quase 19% afirma que a educação sexual oferecida em casa aos filhos/as é de baixa qualidade, 36% considera não ter conhecimentos adequados ou não tem certeza se os conhecimentos que possui são apropriados para uma boa educação sexual, 43% não está à vontade com alguns temas da educação sexual, 10% considera que as respostas que dá às perguntas dos filhos/as são fracas, quase 11% afirma nunca ter incentivado os filhos/as a fazer perguntas e 65% não oferece materiais educativos sobre educação sexual aos filhos/as. Apesar de 65% dos pais desejarem saber mais sobre a sexualidade e educação sexual, apenas 36% tem interesse em participar em formação, o que pode ajudar a compreender a baixa participação dos pais nas ações realizadas em meio escolar (MATOS et al., 2014, 2013; RAMIRO, 2013).

Em relação à extensão da comunicação, mesmo os pais que consideram ter conhecimentos adequados para proporcionar uma boa educação sexual aos filhos/as conversam apenas em termos gerais ou com alguns pormenores sobre 10 temas da sexualidade (i.e., *contraceção e práticas sexuais seguras*) e uma percentagem significativa não conversa sobre temas referentes ao *prazer* e às *decisões sexuais nos relacionamentos amorosos*. Pais que reconhecem não ter conhecimentos sobre a educação sexual não conversam em profundidade sobre nenhum dos 10 temas de saúde sexual. Por outro lado, os pais que não têm certeza se os seus conhecimentos são adequados conversam em termos gerais, com alguns ou muitos pormenores sobre os 10 temas. A comunicação com maior profundidade aumenta nos temas que os pais consideram extremamente importantes, como *IST, abuso e assédio sexual, contraceção e práticas sexuais seguras e segurança pessoal*. Apesar da sua importância, uma percentagem significativa não conversa sobre temas como *puberdade e desenvolvimento físico, decisões sexuais nos relacionamentos amorosos, segurança pessoal e abuso e assédio sexual*. Estes resultados podem traduzir por um lado, a existência de um grupo que pais que avalia de forma positiva a educação sexual disponibilizada aos filhos/as, embora os dados evidenciem que a extensão da comunicação é pouco profunda,





podendo, por isso, ser insuficiente face às necessidades dos filhos/as. Por outro lado, podemos estar perante um grupo de pais que apesar de considerar ter algum conhecimento sobre o assunto, sente dificuldades em conversar com os filhos/as de forma proativa ou, efetivamente, não conversa porque não considera ter conhecimentos e conforto para o fazer, mesmo que se trate de temas que são adequados e necessários ao desenvolvimento dos filhos/as.

Os resultados do nosso estudo mostram ainda que os pais que se auto-avaliam como tendo conhecimentos nesta área oferecem materiais educativos aos filhos/as e usam as conversas e os programas de televisão como estratégias educativas para dialogar sobre sexualidade. São também os pais com mais formação que oferecem materiais educativos aos filhos/as. Os pais que consideram não ter conhecimentos adequados não oferecem materiais educativos e 8% não utiliza nenhuma estratégia educativa com os filhos/as, levando a equacionar a existência de pouco diálogo sobre a sexualidade na família. A realização de jogos educativos sobre educação sexual em família é a estratégias menos usada pelos pais, o que reforça a importância de criar materiais lúdico-pedagógicos e de capacitar os pais para a sua utilização em família.

Tal como seria de esperar em função de uma vasta literatura (BYERS et al., 2008; MARTINO et al., 2008; QUINTAL, 2012), ter conhecimentos sobre sexualidade e sentir-se confortável para abordar temas da educação sexual com os filhos/as encontra-se associado à extensão com que os pais conversam com os filhos/as, ao incentivo à colocação de perguntas e à participação nas atividades de educação sexual na escola, assim como, à avaliação positiva que os pais fazem das respostas que dão às perguntas dos filhos/as e à qualidade da educação sexual oferecida pelos progenitores. Tal como em estudos anteriores, as perceções dos pais sobre o seu próprio conhecimento sexual e conforto em falar sobre estes temas influência a comunicação sobre a sexualidade com os filhos/as (BYERS et al., 2008). Neste sentido, ampliar os conhecimentos dos pais sobre temas específicos de saúde sexual, capacitar para o uso de estratégias





comunicacionais mais eficazes com crianças e adolescentes e promover competências para o diálogo entre os pais e os filhos/as aumentará a probabilidade dos pais se perceberem como mais capazes e, conseqüentemente, conversarem mais com os seus filhos/as.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer as perspectivas de pais e mães sobre a educação sexual na escola e na família. Com base nos resultados, recomendamos que nas ações de formação destinadas a pais seja reforçada: i) a participação dos pais do sexo masculino e dos pais de ambos os sexos com pouca escolaridade, já que os adolescentes, principalmente do sexo feminino, apresentam dificuldade em conversar com o pai. Os pais com menos formação precisam ser apoiados para que se auto-avaliem com mais conhecimentos para realizar educação sexual em casa; ii) a informação sobre os estádios de desenvolvimento das crianças e jovens e conhecimento sobre as suas necessidades de informação, centradas no que os jovens em idade escolar querem saber e consideram ser as suas reais necessidades; iii) a informação sobre os conteúdos definidos por lei para a educação sexual em cada ciclo de ensino (LEI N.º 60/2009) e o incentivo à realização de atividades em família, através por exemplo de trabalhos de casa enviados pelos alunos/as; iv) a formação nas áreas de maiores dificuldades na educação sexual dos filhos e nos temas que são de interesse dos adolescentes, para que os pais possam sentir-se mais confiantes, confortáveis, conhecedores e mais facilmente conversem com os filhos/as; v) a sensibilização dos pais para a importância da comunicação com os filhos de ambos os sexos ao longo da infância e da influência positiva que ela exerce na prevenção dos comportamentos de risco na adolescência, baseada em estudos de evidência; vi) o treinamento em estratégias comunicacionais positivas que melhorem a relação pais-filhos/as e aumentem o diálogo sobre a sexualidade e vii) a informação sobre material educativo na escola e





em espaços comerciais que os pais possam utilizar com os filhos/as, assim como, partilhar propostas de jogos e atividades económicas a realizar em família.

Em futuras investigações sugere-se comparar a perspetiva de pais e filhos/as sobre a qualidade e a extensão da comunicação sobre a sexualidade. Este aspeto é necessário, uma vez que os estudos nesta área sugerem que os pais avaliam-se mais positivamente como educadores sexuais do que os filhos/as os avaliam (WILSON et al., 2010), ambos consideram a comunicação entre si insuficiente (VILAR; FERREIRA, 2009; VILAR, 2011) e os adolescentes desejam mais interações familiares a respeito da educação sexual (ANGERA; BROOKINS-FISHER; INUNGU, 2008). Outro aspeto relevante para os estudos da educação sexual familiar consiste em analisar se a qualidade e a extensão da comunicação variam mediante o sexo dos filhos e os temas de saúde sexual.

Consideramos igualmente importante referir que a amostra do nosso estudo não é representativa, uma vez que só participaram os pais e as mães cujos filhos/as se sentiram confortáveis para fazer chegar os questionários aos pais, sugerindo que nessas famílias existe maior abertura para estes temas. Este é um tipo de limitação frequente nos estudos da sexualidade, já que os voluntários tendem a ter atitudes mais liberais do que os não-voluntários (MCKAY et al., 2014). Neste sentido, é possível que os pais na sua generalidade sintam mais desconforto, menos conhecimento e possuam atitudes menos positivas face à educação sexual do que os pais que participaram no nosso estudo.

Somos também favorável ao aumento da amostra dos pais do sexo masculino, para garantir uma amostra mais equilibrada em termos de género e para que os resultados ilustrem melhor as perspetivas de pais e mães. Por outro lado, considerando as diversas configurações familiares acreditamos ser necessário estudar e analisar com maior profundidade os desafios da educação sexual enfrentados por mães e pais solteiros e por famílias homoparentais.





## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Maria João. *Representações Cognitivas e Comportamentos Sexuais de Risco: o guião e as teorias implícitas da personalidade nos comportamentos de protecção sexual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.

ANGERA, Jeffrey; BROOKINS-FISHER, Jodi; INUNGU, Joseph. An Investigation of Parent/Child Communication About Sexuality. *American Journal of Sexuality Education*, n. 3, p. 165-181, 2008. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15546120802104401>>. Acesso em: 8 set. 2013.

BYERS, S. et al. *New Brunswick Students' Ideas about Sexual Health Education*. Report prepared for the New Brunswick Department of Education, 2001. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/237523035\\_New\\_Brunswick\\_Parents'\\_Ideas\\_About\\_Sexual\\_Health\\_Education](https://www.researchgate.net/publication/237523035_New_Brunswick_Parents'_Ideas_About_Sexual_Health_Education)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

BYERS, Sandra; SEARS, Heather; WEAVER, Angela. Parents' reports of sexual communication with children in kindergarten to grade 8. *Journal of Marriage and Family*, n.70, p. 86-96, 2008. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1741-3737.2007.00463.x>>. Acesso em: 24 set. 2013.

BYERS, Sandra; SEARS, Heather. Mothers Who Do and Do Not Intend to Discuss Sexual Health With Their Young Adolescents. *Family Relations*, v. 61, n. 5, p. 851-863, 2012. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1741-3729.2012.00740.x>>. Acesso em: 2 jun. 2013.

CAMACHO, Inês. *A influência da família na saúde e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses*. 2011. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) - Universidade Técnica de Lisboa da Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

CARVALHO, Cristiana. *Educação sexual no contexto escolar e familiar: o contributo de variáveis pessoais, relacionais e educacionais para a compreensão das vivências sexuais dos jovens*. 2017. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.





CARVALHO, C. et al. Comunicação em educação sexual na escola: Estudo preliminar de validação do Questionário de Comunicação em Educação Sexual na Escola - Versão Professores/as. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, n. 48, p. 127-147, 2016. Disponível em:  
<<https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC48Cristina.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

CARVALHO, C. et al. Questionário de Comunicação em Educação Sexual na Escola – Versão Adolescentes: estudo de validação com jovens portugueses. *Saúde Reprodutiva, Sexualidade e Sociedade*, n. 4, p. 21-32, 2014. Disponível em:  
<<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/47081/1/5%20-%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Adolescentes%20-%20APF.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

CARVALHO, Cristiana; PINHEIRO, Maria do Rosário. Educação familiar e comunicação sobre sexualidade: as necessidades de (in)formação de pais e filhos. In: VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO EM PSICOLOGIA, 2013, Aveiro. *Atas...* Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013, p. 138-147.

COHEN, J. et al. *New Brunswick Teachers' Ideas About Sexual Health Education*. Report prepared for the New Brunswick Department of Education, 2001.

CORDER, Gregory; FOREMAN, Dale. *Nonparametric statistics for non-statisticians: A step-by-step approach*. New Jersey: Wiley & Sons, 2009.

DIAS, Sónia; MATOS, Margarida Gaspar; GONÇALVES, Aldina. Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 25, p. 625-634, 2007. Disponível em:  
<<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/119>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

DILORIO, C. et al. Social cognitive factors associated with mother-adolescent communication about sex. *Journal of Health Communication*, v. 5, n. 1, p. 41-51, 2000. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/12470556\\_Social\\_Cognitive\\_Factors\\_Associated\\_with\\_Mother-Adolescent\\_Communication\\_About\\_Sex](https://www.researchgate.net/publication/12470556_Social_Cognitive_Factors_Associated_with_Mother-Adolescent_Communication_About_Sex)>. Acesso em: 24 out. 2012.





GRUPO DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO SEXUAL (GTES). *Relatório final*. Lisboa: DGIDC, 2007.

HOWELL, David. *Fundamental Statistics for the Behavioral Sciences*. (7ªEd.). Belmont: Wadsworth, 2011.

HUEBNER, Angela; HOWEELL, Laurie. Examining the relationship between adolescent sexual Risk-Taking and perceptions of monitoring communication, and parenting styles. *Journal of Adolescent Health*, v. 33, n. 2, p. 71-78, 2003. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12890597>>. Acesso em: 24 out. 2012.

LÓPEZ, Félix; FUERTES, António. *Para Compreender a Sexualidade*. Lisboa: APF, 1999.

MARTINO, S. et al. Beyond the "Big Talk": The roles of breadth and repetition in parent-adolescent communication about sexual topics. *Pediatrics*, v. 121, n. 3, p. 612-618, 2008. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18310180>>. Acesso em: 24 out. 2012.

MATOS, M. et al. *A saúde dos adolescentes portugueses - Relatório do estudo HBSC 2010*. Lisboa: Centro de Malária e Outras Doenças Tropicais /IHMT/UNL, 2010. Disponível em: <[http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276\\_Relatorio\\_HBSC\\_2010\\_PDF\\_Finalissimo.pdf](http://aventurasocial.com/arquivo/1334762276_Relatorio_HBSC_2010_PDF_Finalissimo.pdf)>. Acesso em: 22 fev. 2011.

MATOS, M. et al. *Avaliação do impacto da Lei n.º 60/2009, de 6 de agosto, regulamentada pela Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de abril. Relatório Final*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde/Aventura Social/FMH-UL, 2013. Disponível em: <[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/relatorio\\_es\\_lei\\_dgs\\_spps\\_final.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/relatorio_es_lei_dgs_spps_final.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2014.

MATOS, M. et al. Educação sexual em Portugal: Legislação e avaliação da implementação nas escolas. *Psicologia, Saúde & Doenças*. v. 15, n. 2, p. 335-355, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1645-00862014000200003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1645-00862014000200003&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 8 abr. 2015.

MCKAY, A. et al. Ontario parents' opinions and attitudes towards sexual health education in the schools. *The Canadian Journal of*





*Human Sexuality*, v.23, n.3, p. 159–166, 2014. Disponível em:  
<<http://sieccan.org/wp-content/uploads/2018/05/Ontario-parents-sexual-health-education.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

MESCHKE, Laurie; BARTHOLOMAE, Suzanne; ZENTALL, Shannon. Adolescent sexuality and parent-adolescent process: promoting healthy teen choices. *Journal of Adolescent Health*, n. 31, p. 265-279, 2002. Disponível em:  
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12470924>>. Acesso em: 4 set. 2012.

MORGAN, Etta; JOHNSON, Ida; SIGLER, Robert. Gender Differences in Perceptions for Women's participation in Unwanted Sexual Intercourse. *Journal of Criminal Justice*, v. 34, n. 5, p. 515-522, 2006. Disponível em:  
<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0047235206000821>>. Acesso em: 4 set. 2012.

NAIR, Mk. et al. Attitude of parents and teachers toward adolescent reproductive and sexual health education. *The Indian Journal of Pediatrics*, v.79, n.1, p.60-63, 2011. Disponível em:  
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21614606>>. Acesso em: 18 set. 2012.

QUINTAL, Marlene. *A comunicação entre pais e filhos: Perspectivas parentais sobre educação sexual*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.

RAMIRO, Lúcia. *A educação sexual na mudança de conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes*. 2013. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) - Universidade Técnica de Lisboa da Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

REIS, Elizabeth. *Estatística descritiva*. Lisboa: Edições Sílabo, 1998.

REYNOLDS, Henry. *Analysis of Nominal Data (2nd Ed.)*. Beverly Hills: Sage Publications, 1984.

PORTUGAL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Lei n.º 60/2009. D.R. Nº 151 - 1.ª série de 6 de Agosto de 2009, 2009.*





PORTUGAL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE. *Portaria n.º 196-A/2010*. Diário da República. N.º 69 - 1.a série de 9 de Abril de 2010, 2010.

RUBLIK, Frantisek. On rank based multiple comparisons for balanced sample sizes. *Measurement Science Review*. v. 5, n. 1, p, 23-26, 2005.

SCHLATTER, Jennifer. *Teaching Sexual Communication Skills to Facilitate Positive Communication about Sexual Health*. Capstone Project. Winona: Winona State University, 2012.

SIMÕES, Maria da Graça. *Formação parental em contexto escolar: promoção da construção de pontes entre escola e família*. 2013. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

TOMÉ, G. et al. A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 4, p.747-756, 2011. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722011000400015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000400015)>. Acesso em: 2 set. 2012

UNESCO. *Orientação Técnica Internacional sobre Educação Sexual: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Vol. 1 Razões em favor da educação em sexualidade. Paris: Unesco, 2010.

VAN HECKEA, Tanja. Power study of anova versus Kruskal-Wallis test. *Journal of Statistics and Management Systems*, v. 15, p. 2-3, 2012.

VAZ, Júlio. *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.

VIEIRA, Helena. *A comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

VILAR, Duarte. *Falar Disso: A Educação Sexual nas Famílias dos Adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

VILAR, Duarte; FERREIRA, Pedro. A Educação Sexual dos Jovens Portugueses - conhecimentos e fontes. *Educação Sexual em Rede*, v. 5, p. 2-53, 2009.





VILAR, Duarte. *Ditos e Não Ditos Educação Sexual e Parentalidade - Estudo Qualitativo das Representações de pais e mães sobre conversas em família sobre sexualidade e educação sexual: um guia para o trabalho com pais e mães*. Coleção Estudos e Boas Práticas, n. 2. Lisboa: APF, 2011.

WEAVER, A. et al. *New Brunswick Parents' Attitudes Towards Sexual Health Education*. Report prepared for the New Brunswick Department of Education, 2001.

WEAVER, A. et al. Sexual health education at school and at home: Attitudes and experiences of New Brunswick parents. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, v. 11, n. 1, p.19-31, 2002.

WEINMAN, M. et al. Risk factors, parental communication, self and peers' beliefs as predictors of condom use among female adolescents attending family planning clinics. *Child & Adolescent Social Work Journal*, v. 25, n. 3, p.157-170, 2008. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10560-008-0118-0>>. Acesso em: 11 jul. 2010.

WILSON, E. et al. Parents' Perspectives on Talking to Preteenage Children About Sex. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, v. 42, n.1, p.56-63, 2010. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20415887>>. Acesso em: 8 jul. 2010.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Who Regional office for Europe and BZgA - Standards for Sexuality Education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*. Germany: Federal Centre for Health Education. Cologne, 2010. Disponível em: <[https://www.bzga-whocc.de/fileadmin/user\\_upload/WHO\\_BZgA\\_Standards\\_English.pdf](https://www.bzga-whocc.de/fileadmin/user_upload/WHO_BZgA_Standards_English.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2011.

Recebido em: 20 de maio de 2019  
Aceito em: 29 de maio de 2019

